

INSTITUTO
Documentação
OCIOAMBIENTAL
Fonte JT
Data 19/2/99 Pg 10
Class. 35

A estréia de quatro tribos em palco de homem branco

Pela primeira vez em sua história, músicos indígenas partem de suas aldeias para mostrar um repertório de canções em tupi-guarani que até os antropólogos julgavam desaparecidas

Os violões possuem cinco cordas, as rabecas três e os tambores são feitos apenas com pele de veado. As vozes soam em uníssono, entoam belas melodias hipnotizantes e impressionam pela precisão das afinações. Tudo é cantado por crianças em tupi-guarani e cada cântico é acompanhado por um ritual sagrado.

A música indígena de quatro tribos está saindo das aldeias. O homem branco, que não faz idéia da riqueza artística destas comunidades, poderá assistir, a partir de hoje, às 21h no Sesc Pompéia, ao lançamento de um projeto único, com a apresentação de quatro grupos musicais indígenas.

O repertório do show faz parte de um CD gravado em agosto do ano passado na aldeia Boa Vista, em Ubatuba. *Nande Reko Arandu - Memória Viva Guarani* traz 15 músicas dos grupos Kunhã Arandu Mirim (aldeia Rio Silveira, de São Sebastião, SP), Tape Nhemoxakã (aldeia Sapucaí, de Angra dos Reis, RJ), Tenondé Porã (aldeia Morro da Saudade, de Parelheiros, SP) e

Xondaro Mirim M'borai (aldeia Guarani Jaexaá Porã, também de Ubatuba).

A preservação de uma música já considerada extinta por antropólogos e de uma cultura milenar que sobrevive aos 500 anos da predominância dos povos brancos é um motivo importante para a realização do evento, mas não o único.

O índio nunca gostou de intrusos brancos na opy, nome de suas casas de canto e reza onde se realizam os rituais. Na tribo, até as crianças olham desconfiadas para os estranhos pálidos que, de repente, passaram a freqüentar a aldeia para fazer reportagens sobre sua cultura. Os tupi-guarani jamais usaram sua música, essencialmente ritualística, para ganhar dinheiro cantando nas ruas do centro da cidade.

Tradição desconhecida

Por esses motivos, que isolam o indígena em suas tribos, pouco se conhece da tradição destes povos. Pelos livros de história e pela tevê, instituiu-se que índio toca tambor, faz uga-uga, bate o pé no chão e dança em círculos para chamar chuva - preconceitos que duram séculos.

A grande contribuição de *Memória Viva Guarani* é a oportunidade de perceber o quanto a música branca deve aos primeiros donos da terra e, no sentido contrário, o quanto a colonização européia influenciou esta cultura. Mais que isso, o projeto revela a qualidade artística intocável de uma arte primitiva aprendida de forma oral com elementos que foram a base para toda a música ocidental.

As missões jesuítas dos séculos

16 e 17 deixaram nas tribos o violão e a rabeca. Os índios retiraram uma das seis cordas do violão e batizaram sua nova afinação de nhadevaê. Cada corda passou a homenagear um deus: Tupã, Kuaray, Karai, Jakairá e Tupã Mirim. Sua execução é quase exclusivamente rítmica, já que os índios não mudam de acorde durante a canção.

A rabeca, antecessora do violino, é a responsável pela melodia instrumental. Com três cordas (uma a menos que as rabecas tradicionais), entoa uma frase repetitiva usada como fundo para os cânticos.

Dom divino

Apesar de tocarem com precisão estes instrumentos, os índios são totalmente intuitivos. Tudo o que aprendem é de forma oral e desconhecem a grafia musical. A música é algo divino - o que está acima de qualquer conhecimento teórico - e, ser músico não é para todos.

"Aprendi o que sei com meus pais. A afinação que uso é uma tradição da minha família", diz Dinarthes Benites, o Tupã Mirim, um dos poucos instrumentistas da aldeia Morro da Saudade.

Já as meninas, que não tocam instrumentos, cantam bem mais forte que os garotos e destacam-se mais nas coreografias. As amigas Leni Benites, a Keretcxu, e Sueli da Silva, a Takwá, não se importam em ficar horas demonstrando seus rituais. "Gostamos de cantar. Não temos nada a reclamar de nossa vida aqui", diz Keretcxu.

"Os mais velhos estavam morrendo e nosso canto quase desapare-



CLIMA DE ALDEIA: além das canções, os índios vão reproduzir no Sesc um ambiente que lembra suas tribos

ceu com eles", afirma o líder do grupo Tenondé Porã, Timóteo da Silva, o Verá Popyguá. Ele lembra do dia "sagrado" em que teve a idéia de recuperar as canções de sua tribo.

Em fevereiro de 1992, Timóteo falava sobre a vida dos índios brasileiros em um evento que antecipava os 500 anos do descobrimento do Brasil, realizado em Algarve, Portugal. Convidado a mostrar algo de sua tradição, Timóteo hesitou por não ter preparado nada. "Tenho certeza que, naquele momento, tive uma inspiração de Tupã (Deus supremo dos índios)." Depois de segundos, o líder mostrou uma música que ouvia com sua avó, na infância, mas que jamais havia cantado. "Fui até o final. Todos aplaudiram muito e vieram falar comigo."

Quando voltou à aldeia, Timóteo estava decidido a recuperar as tradições musicais de seu povo. Com um gravador, pediu para que Osório Veríssimo, de 130 anos (segun-

do o índio), cantasse todas as melodias que pudesse lembrar. Veríssimo, que já morreu, deixou cerca de cinco cânticos registrados na fita para que Timóteo realizasse o projeto de recuperação de suas raízes.

Na casa de canto e reza, o líder indígena passou meses ensaiando um grupo com 11 meninas e 9 meninos com idade entre 7 e 12 anos. Entre as 20 canções que recuperou, três foram para o CD.

Cerâmicas

Não só a música das tribos será tema do evento. No hall do teatro do Sesc Pompéia haverá uma exposição de peças de cerâmicas da arte guarani e uma mostra com 50 desenhos produzidos por crianças de 5 aldeias. No espaço, que será ambientado com iluminação, sonorização e até aromatização inspiradas no cotidiano indígena, haverá ainda exibição de fotos e vídeos sobre a vida dos tupi-guarani.

Júlio Maria

Memória Viva Guarani. Hoje e amanhã, às 21h. Domingo, às 18h. Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93. Tel.: 3871-7777). Ingressos: R\$ 10



O CD: as meninas da tribo não tocam instrumentos, mas cantam mais forte do que os meninos